No solar de Penha Longa

Novela por Afonso Ribeiro

O solar erguia-se a meia encosta. Era uma edificação atrevida, velha de dois séculos, negrusca e empêna alta. Doze janelas lhe corriam a todo o comprimento da fachada—e em seu escudo de armas, a nascer mesmo da arquivolta romana da porta, pompeava a divisa: *Honra ou Morte.*

Lá no fundo corria o Távora. Para o norte, muito longe, ficava o Marão. Em volta do solar havia um jardim, para lá dele, a nascente, um pomar. Os milheirais vinham logo; depois, em socacos, vinhedos extensos. E tudo o que a vista abarcava, matagal, penhascos, soltos, terra chã, tudo entrava nos bens dos senhores de Penha Longa, ricos a pontos de não saberem o que possulam.

Todavia o solar era mais triste que um sarcófago.

D. Raimundo, mal a manhã apontava, descia o lance de escadarias, dava de esporas ao cavalo baixo, metia por várzeas e gândaras até sol-pôr, que em correrias tais, e só nelas, encontrava deleite. Encerrada em seus aposentos, Florina empalidecia em silêncio. Os senhores de Penha Longa não eram felizes.

Oito anos atrás haviam-se esposado. Ela não seria formosa, talvez. Entretanto os cabelos duma doce cor de mel, a boca pequenina e casta, a ternura calma dos seus grandes olhos castanhos, a vaga tristeza de seus gestos mansos tornavam-na delicada, cativante figura de vitral antigo. Sua cinta de resto era fina e flexível, especiosas as formas sem serem clássicas por demais.

Temperamento arrebatado, com ardor lhe quis D. Raimundo. E, como sua voz fôsse quente e esbelto o talhe, ou porque à mulher apraz ver violência na paixão, do mesmo teor lhe quis Florina.

A vida no solar foi bem agradável nessa época. As caçadas sucediam-se; vinte léguas em redor gozavam fama seus serões. Todos invejavam aquela felicidade sem sombras.

Mas uma noite, antes mesmo de se deitarem, a senhora de Penha Longa atirou os braços ao pescoço de D. Raimundo, e escondendo a face ruborizada em seu largo peito, num fio de voz lhe disse:

—Tinha um favor a pedir-te, meu senhor.

Ele segurara-a pelos ombros, e arredando-a de si um pouco e fitando-a nos grandes olhos castanhos, inquiriu:

—Que é? Brilhantes? pérolas?...

—De tudo isso tenho e muito.

Voitou ele:

—Veludos novos, adivinhei?

—Não, não.

—Um passeio a Paris...? Partiremos amanhã, imeditamente. Ficas contente?

—Não é isso, não é isso!

D. Raimundo afoitou-a:

—Dize então. A tua vontade é a minha, bem sabes.

Florina escondeu outra vez a face no seio dele para baixo, baixinho confessar:

—Era um filho que queria!

Calaram-se. Fora, nos campos, não se ouvia um ruído. Nos candelabros, lentamente, as velas consumiam-se.

—Compreendeste? Queria um filho.

Ele continuava silencioso. Então Florina sentara-se a seus pés—e, cabeça vergada, numa timidez imensa lhe segredou a ambição que a revolvia, que sempre a revolveu. Ela nem sabia, acreditasse o seu senhor, quando aquele empe-

nho lhe surgira, pois sempre o conhecera ali, no coração, desde que se conhecia, infanta ainda. Acompanhara-a depois por aí fora, crescendo à medida que ela crescia, povoando-lhe os sonhos, enlevando-a em horas de cisma—e iluminando-a toda, toda, nem que em seu peito ardesse lâmpada maravilhosa. E num fim de confissão integral, quasi sufocada pelas lágrimas nervosas que não houvera forma de reprimir, acrescentara:

—Mas este anelo, tão benigno dantes, é hoje labareda a queimar-me, força que me subjuga e a que não há opor razões nem raciocínios, por cega.

Alçando as mãos no jeito de quem vai rezar, gemeu ainda, toda sacudida pelos soluços.

—Meu senhor, faze-me a vontade.

D. Raimundo, que olhava em frente, viu-se empalidecer na superfície do espelho onde se projectava inteiro. Por fim, falou. Ela mal percebeu o que ele lhe disse. Compreendera que seu sonho se desfazia, apenas. Atordoada, uma vibora a morder-lhe as entranhas, por largo espaço quedou sem palavra—olhar imóvel, mãos inertes, uma palidez horrível a cobri-la.

De repente pôs-se a pé. E fitando a D. Raimundo bem de rosto:

—Devia avisar-me quando eu não era ainda a senhora de Penha Longa. Assim, não andou bem. Não andou bem!

Em sua voz havia lágrimas, censuras, uma dor viva. Ele aproximou-se, quis penitenciar-se.

—Oh! deixe-me, por Deus—implorara Florina, recuando.

Depois, sem ao certo saber o que fazia, deu a correr pelos grandes salões desertos, cabelos pelas costas, apavorada.

...E, quando mais tarde, D. Raimundo a procurou, teve a sensação atroz de que na sua frente tinha um cadáver, frio e insensível aos seus afagos. Não fez perguntas, não impôs direitos. Orgulhoso e forte deu um passo, logo outro e outro... Estava junto à porta e esperava uma palavra, um gesto. Florina, porém, não se mexeu.

Angustiado, sentindo as coisas tremerem à sua roda, o senhor de Penha Longa perguntou:

—Vou-me?

Correu um segundo.

—Vá!

Os passos dele ressoaram pelo corredor, anda-anda, lá ao fundo apagaram-se. E Florina nunca mais o viu, robusto e terno, surgir no umbral do seu quarto.

Na orla do jardim do solar, mesmo rente ao campo onde as árvores de caroço alinhavam suas copas bem cuidadas, havia um pequeno bosque de loureiros e carvalhos musgosos. Retiro fresco e silencioso, elegera-o Florina como seu poiso dilecto—e todas as tardes, após as horas bravas da canícula, era certa ali, inclinada sobre o bordado, olheirenta e só.

Desde a noite em que D. Raimundo passara a habitar a ala sul da moradia, vinha seu viver deslizando de maneira bem igual e triste. O pátio não fôra mais alvoçado com o latido furioso das matilhas e, como depois dessa data, as pesadas portas de castanho estivessem fechadas a quem quer que fôsse, dos serões de Penha Longa apenas restava a grande fama. O mês de agosto em Biarritz, dezembro e janeiro em Paris ou Londres, igualmente haviam findado. E, menos por estas diversões do todo perdidas, do que pela lembrança penosa do seu sonho para sempre morto, jámais desde então as cordas da har-

pa vibraram no solar, finamente dedilhadas por suas mãos longas e brancas.

Trocara os vestidos claros por outros negros, severos e simples, e isto, junto à palidez transparente de seu rosto, dava-lhe um ar magoado de viúva sem fé.

No primeiro ano de isolamento, não descera ao jardim uma única vez. Pensava que sua vida tinha acabado e que da bela Florina doutros tempos, tão invejada quanto admirada, só o nome subsistia. As horas, naturalmente, pareciam-lhe lentas, infundáveis os dias. Chorou. Teve febre. Depois, uma manhã, já mais calma, tomou-a a necessidade irresistível de ocupar a atenção em alguma coisa—de trabalhar. Logo a esta ideia correu à sala de costura e numa inconsciência febril se pôs a compôr uma boneca de trapos. Nesse dia não comeu. Aferrolhada no quarto até tarde a ouviram, passeando de cá para lá, cantar baixinho uma cantiga de adormecer crianças.

Cheias de maus preságios, assentaram as serviçais em que sua ama havia endoidecido. E quando D. Raimundo chegou, o cavalo coberto de espuma, manifestaram-lhe seus receios.

Ele subiu os degraus três a três, ofegante. Em cima, rente à porta, pôs-se à escuta. De dentro vinha um silêncio pesado. A ideia de que ela tivesse morrido fê-lo encostar à parede, mais branco que a cal. Então, fora de si, pegou da chave que nunca abandonara, fez correr a lingueta, entrou... e seus olhos viram logo Florina, deitada, apertando ao peito como se fôsse um filho, a pobre nena de trapos. Dormia e dormindo sorria, lábios entreabertos, numa posição de abandono e felicidade.

Vagaroso e sombrio o senhor de Penha Longa retrocedeu; e, dando outra vez volta à chave, se foi dali.

Só depois desta época é que Florina começou a ir passar as suas tardes no sossêgo afável daquele bosquezinho de loureiros. E, porque o coração lhe andava a lousbordar de carinhos, bem cedo amou o recanto plácido e fresco com o amor que devotaria a homem. Não se sentia tão infeliz, agora. As crises nervosas que a faziam chorar, bater murros na cabeça, desesperada, gradualmente se iam aplacando; e, embora sem motivos para tal, pensava que talvez o futuro lhe reservasse uma forte e calma ventura, tendo já mesmo imaginado uma casinha afestuada de trepadeiras, no meio dum prado, longe, à beira dum regato manso. Em volta haveria flores, nas folhagens trilos de aves—e sobre a erva fôfa, a seu lado, brincaria um menino de olhos azuis e cabelos loiros, em cachos—o seu filho. Sim, porque ela teria um filho que adormeceria nos braços, junto ao coração, cantando-lhe romances de antanho onde boas fadas todas de branco, perpassam, sorrindo.

Como tudo aquilo se havia de realizar, não sabia, não curava mesmo de saber. A sua desolação bastava aquela esperança a que amparar-se, e que, tornando-a menos infeliz no presente, projectava uma luz tão doce e prometedora de alegria, no futuro.

Mas se a expectativa preciosa foi mão a re-frear-lhe as impaciências, primeiro, bem depressa mudara em bando de vespas, zumbidoras e cruéis, a mordê-la. Então, ela, Florina de Penha Longa, senhora de vinte aldeias e duas vilas, cofres atulhados de riquezas, teria de consumir-se e esperar dum acaso da sorte para que o único desejo de-veras grande que até à data a penetrara, saísse da forma vaga e hesitante de an-

seio? Ah!, não podia ser, não podia ser! Pois, Deus, não pedia ela tão pouco?

Filhos tinham-nos todas as mulheres, as mais pobres e as mais desgraçadas, as mais feias e as mais duras. E ela, ela que era rica e não era má, ela que era mulher, só pedia um filho! Não era justo que lho dessem?

Regressara ao período das lágrimas, empalidecera mais. Os nervos em tensão mal a deixavam dormir—e nas horas de insônia, calada no quarto onde as velas bruxuleantes punham retalhos de luz mortíca, em vão se empenhava na descoberta de caminho capaz de redimir sua vida sem préstimo.

Ora, para os fundos do pomar, em cardanho de abobe coberto de côlmo, vivia o jardineiro com prole numerosa.

Era o jardineiro um homem atarracado e bexigoso, ombros largos um pouco curvados pelo tempo. Os cabelos, ásperos e incultos, por completo lhe cobriam a testa baixa; e as unhas cheias de terra, o pescoço negro de pó e suor empastados, o fato miserável, davam-lhe um triste aspecto de coisa abandonada. Para mais faltava-lhe um olho e a boca era negra, horrível.

Nascera no solar, naquela cabana húmida, e amava os senhores com a admiração ingénua dos simples afeitos às agruras da sorte. Abaixo dos senhores, com afecto mais exigente e menos admirativo, queria à mulher e aos filhos.

A mulher conhecera-a, uma vintena de anos atrás—bons tempos! bons tempos!—na festa da Lapa, do outro lado do Távora, lá nos corutos da serra. Alta, magra, mas de ancas capazes, nem bonita nem feia, achou-a a seu modo. Sobre-tudo os olhos dum negro retinto—ricos olhos, benza-os Deus!—deram-lhe no gôto. Ao som do harmónio, no terreiro transformado em sala de baile, enquanto na noite picada de estrélas subiam foguetes de lágrimas, foi-lhe sacando a graça, a terra de nascença, outras coisas miúdas. Mas sobre a manhã, já cansados, combinavam, sentados lado a lado no mais escuro dum canto, receber-se na igreja da terra dela, lá em baixo, no vale, logo ao depois do Natal.

Receberam-se realmente, não a seguir ao Natal, mas após os Reis. E, não fôra aquele rebanho de filhos, na maior parte enfezados e tristes, talvez na sua pobreza sem ambições tivessem provado o fruto da ventura. Assim...

Precisamente nesse verão o casal rico em descendentes houve novo rebento, o que fez dizer a Raquel, criadinha alegre do solar:—Ih!, Virgem Santíssima, fecunda como aquilo só as coelhas!

Pois que Deus lhes fazia presente de mais um pimpolho—para eles, Deus é quem sempre lhes mandava os filhos—necessário se tornava encontrar-lhe madrinha à feição. E cara alegre, que tristezas não arremediavam nada.

Pensa que pensa acordaram por fim, não sem muito marrahar, que a Ana Vilela e mal-lo homem estavam mesmo na conta.

Acordaram nisto, porém a mulher, em silêncio, botara as vistas a mais longe, nem mais nem menos que à senhora de Penha Longa. Ao princípio a ideia pareceu-lhe um tanto atrevidota. Mas depois, à custa de pensar nela, melhor, de se habituar a ela, viu-a bem simples e razoável. Pois se tinha havido reis que casaram com pastoras, porque não havia uma fidalga—que sempre é menos que um rei—servir de madrinha ao filho de um jardineiro?

(Continua na página imediata)